

Beatriz Helena Domingues
Breno Machado dos Santos

A INSERÇÃO DOS JESUÍTAS JOÃO DANIEL E DAVID FÁY NO CLIMA DE OPINIÃO DA ILUSTRAÇÃO IBÉRICA E EUROPEIA

RESUMO

Na linha proposta pelos organizadores desta edição da revista, que discute a problemática relação da Ordem dos Jesuítas com a Ilustração, e vice-versa, este artigo analisa o caso de dois jesuítas setecentistas que possuem em comum, entre vários aspectos, o fato de terem deixado registrada sua participação no clima de pensamento do século XVIII a partir de sua experiência na Amazônia portuguesa.

Palavras-chave: jesuítas; ilustração; Amazônia portuguesa.

THE INSERSION OF THE JESUITS JOÃO DANIEL AND DAVID FÁY INTO THE OPINION CLIMATE OF THE IBERIAN AS WELL AS EUROPEAN ENLIGHTENMENT

ABSTRACT

Following the research theme proposed by the organizers of this edition of the journal, which discusses the problematic relationship between the Order of Jesuits and the Enlightenment, and vice versa, this article aims to analyse the case of two eighteenth-century Jesuits who bear in common, among other aspects, the fact of having bequeathed their participation in the climate of thought of the eighteenth century based on their experience in the Portuguese Amazon.

Keywords: Jesuits; Enlightenment; portuguese Amazon.

LA INSERCIÓN DE LOS JESUITAS JOÃO DANIEL Y DAVID FÁY EN EL CLIMA DE OPINIÓN DE LA ILUSTRACIÓN IBÉRICA Y EUROPEA

RESUMEN

En la temática propuesta por los organizadores de esta edición de la revista, que discute la problemática relación de la Orden de los Jesuitas con la Ilustración, y viceversa, este artículo analiza el caso de dos jesuitas del siglo XVIII que poseen en común, entre varios aspectos, el hecho de que han dejado registrada su participación en el clima de pensamiento a partir de sus experiencias en la Amazonia portuguesa.

Palabras clave: jesuitas; ilustración; Amazonia portuguesa.

Este artigo analisa o caso de dois jesuítas setecentistas que possuem em comum, entre vários aspectos, o fato de terem deixado registrada sua participação no clima de pensamento do século XVIII a partir de sua experiência na Amazônia portuguesa: João Daniel e David Fáy.

Nossa análise comparativa entre esses dois jesuítas toma como pressuposto que, no século XVIII, a Companhia de Jesus, apesar de reconhecidas dificuldades em atualizar a neoescolástica aos novos tempos, talvez fosse a instituição internacional mais preparada, em termos de informação, para repensar as novas descobertas e teorias científicas, bem como para instigar uma atualização de métodos por meio de alguns de seus representantes. Nesse sentido, poderíamos assinalar a continuidade do empenho jesuítico em diferentes áreas do saber, que incluem matemática, física, geografia, cartografia, biologia, medicina ou linguística. O internacionalismo que caracterizara a Ordem desde sua fundação permitia-lhes exercer um importante papel na circulação de novidades científicas e filosóficas que, então, assumiam um nível quase global. A atualidade e sintonia dos jesuítas com a Ilustração foi facilitada e incentivada pela prática epistolográfica exigida no interior da Ordem. Mas foi também fundamental a capacidade de alguns de seus representantes de debater novas ideias científicas e religiosas à luz do método escolástico da *disputatio*. Embora muitas vezes rejeitassem algumas teses recentes, integral ou parcialmente, a forma como trabalhavam com hipóteses, deixando as conclusões supostamente para os leitores, demonstrava não só erudição como ousadia, na medida em que hipóteses são, por definição, especulações que não se constituem em verdades *a priori*. Podem vir a sê-lo ou não.

Um procedimento metodológico que nos pareceu pertinente foi assinalar semelhanças e diferenças entre alguns escritos de João Daniel e de David Fáy no que se refere a temas em voga na Europa na segunda metade do século XVIII, tendo em consideração a perseguição aos jesuítas pelas reformas pombalinas. Essa abordagem comparativa, a nosso ver, poderia assumir a forma de “histórias conectadas”, tal qual proposta pelo historiador francês Serge Gruzinski¹. A expressão *connected histories* foi forjada pelo historiador indiano radicado na França, Sanjay Subrahmanyam, visando desmontar

o que considera ser a “visão tradicional” da historiografia europeia sobre o mundo asiático. Ele criticou o nacionalismo e o etnocentrismo dessa abordagem, que poderia ser ampliada pelo estabelecimento de conexões entre espaços e atores². Segundo Gruzinski, isso implica que as histórias só podem ser múltiplas, sendo impossível se falar de uma história única e unificada com “h” maiúsculo. Esta perspectiva significa que estas histórias estão ligadas, conectadas, e que se comunicam entre si. Como Subrahmanyam, sua preocupação era combater as perspectivas nacionalistas que contaminavam frequentemente os estudos comparativos entre países. Gruzinski valeu-se dessas configurações para estudar a chamada Monarquia Católica, que teria associado não apenas regiões e reinos europeus, como também vários continentes durante o reinado de Felipe II, da Espanha, de 1580 a 1640, período em que Portugal e o seu império mundial foram incluídos nas possessões de Carlos V³. O historiador destaca “as redes internacionais constituídas pelas ordens religiosas, pelos jesuítas e pelos cristãos novos”. Pela primeira vez, prossegue, um estilo europeu, que ia das artes até a arquitetura, sob os auspícios dos Habsburgo, teve uma difusão internacional que envolveu simultaneamente três continentes.

Estas dimensões múltiplas, que em seu entender não fazem da Monarquia Católica um sistema nem uma civilização, mas que estiveram muito imbricadas umas nas outras, nos parece pertinente para o estudo de uma Ordem intercontinental e plural, como foi a Companhia de Jesus desde a sua fundação até a extinção em 1773. Concentramos nossa atenção aqui no século XVIII quando, embora a Monarquia Católica resultante da União Ibérica não mais existisse sob essa forma, o internacionalismo e o localismo continuavam muito presentes na atuação dos jesuítas. Nossa intenção é conectar o particularismo da experiência amazônica de João Daniel e de David Fáy, que era ao mesmo tempo universalista, com o contexto ibérico e europeu de seu tempo.

Os textos dos autores aqui selecionados reforçam o questionamento da interpretação dos jesuítas enquanto obstáculos à Ilustração: pelo contrário, diagnostica em seus escritos uma assimilação – seletiva e católica, por certo, como também era o caso da de seu inimigo Pom-

bal e dos Estrangeirados – de ideias ilustradas que coexistiam com a escolástica e com uma visão mitológica de mundo. Ou seja, tentamos estender ao mundo luso-brasileiro a constatação de Mario Góngora, Richard Morse, Angel Rama e J. A. Hansen, entre outros, sobre o espaço hispano-americano: a saber, o papel decisivo, e não necessariamente obscurantista, dos jesuítas na cidade letrada⁴. Embora reconhecendo que a posição dos jesuítas na denominada “Ilustração” foi extremamente delicada devido às contendas entre a Companhia de Jesus e a retórica das luzes a partir de 1760, ressaltamos precisamente a capacidade desses pensadores de se adaptar e participar do clima de opinião de então.⁵

JOÃO DANIEL E DAVID FÁY: BIOBIBLIOGRAFIAS CONECTADAS

João Daniel nasceu no dia 24 de julho de 1722 em Travassos, diocese de Viseu, Portugal. Ingressou na Companhia de Jesus em Lisboa, em dezembro de 1739, e, logo ao final de seus dois anos de noviciado, com menos de vinte anos de idade, foi enviado ao Estado do Maranhão e Grão-Pará, onde então os jesuítas levavam a efeito um dos maiores empreendimentos missionários de toda a Assistência de Portugal⁶. Estabelecido no Colégio de São Luís na condição de escolástico, isto é, categoria de irmãos estudantes destinados a receber a ordenação sacerdotal após concluírem sua formação, João Daniel, de 1741 a 1750, dedicou-se aos cursos de humanidades, filosofia e teologia, realizando o ciclo completo de estudos do Instituto na própria Amazônia portuguesa. A partir de 1751, já na qualidade de padre formado, João Daniel encontrava-se entregue aos trabalhos de missionário no Grão-Pará. Assim, durante seis anos, percorreu várias aldeias e fazendas situadas no vale do Amazonas, quando da época de maior opulência da Companhia de Jesus na região, mas também das reformas político-econômicas aí promovidas pelo primeiro-ministro do Reino, Sebastião José de Carvalho e Melo, o futuro marquês de Pombal, cujos efeitos resultaram na expulsão dos membros da Ordem em tais domínios, iniciada em 1755⁷. Desse modo, em novembro de 1757, João Daniel acabou desterrado para Portugal, poucos dias após ter feito a profissão solene de quatro votos, ou seja, de ter pronunciado o célebre

voto particular de obediência ao Papa, restrito à cúpula da hierarquia jesuíta⁸. No Reino, enfim, João Daniel cumpriu dois anos de reclusão em Cárquere, mais dois no Forte de Almeida e, finalmente, outros quatorze na Torre de São Julião da Barra, em Lisboa, onde faleceu em 19 de janeiro de 1776.⁹

Por sua vez, natural da Hungria, David Fáy também nasceu em 1722, em uma localidade chamada Fáy, do nome da família, na diocese de Eger. Filho de pais nobres, em novembro de 1736 entrou na Companhia de Jesus em Viena, Áustria, tendo já cursado humanidades no Seminário Mariano de Tirnávia (na atual Eslováquia). Terminado o noviciado, entre 1738 e 1750 percorreu diversos estabelecimentos de ensino do Instituto de cidades da Europa Central – Tirnávia, Sopron, Taurinum, Viena e Cassóvia – para completar as etapas restantes da formação jesuíta (três anos de filosofia e quatro de teologia), e também lecionar gramática e poesia. Como de praxe em muitos dos jovens jesuítas em fase de formação, David Fáy, quando ainda seguia o curso de teologia, manifestou por meio de três cartas enviadas à Cúria Generalícia da Ordem, em Roma, o ardente desejo de levar uma vida apostólica nas missões da América hispânica, pedido que, no entanto, lhe foi prontamente negado pelo Prepósito Geral, em 1748. Desse modo, o inaciano tratou de concluir seus estudos teológicos e, após fazê-lo, acabou encarregado de ensinar as línguas hebraica e caldaica no Colégio de Cassóvia. Foi nessa circunstância que, em maio de 1752, recebeu uma ordem inesperada para ir servir nas Índias Ocidentais, mas cuja região exata ele só haveria de saber em Gênova, cidade para onde então se dirigiu e permaneceu por cerca de três meses. Inteirado, pois, de que seu destino seria a Amazônia portuguesa, David Fáy seguiu imediatamente para Lisboa. E de lá, depois de ter aguardado sete meses no famoso Colégio de Santo Antão pela oportunidade de zarpar, finalmente embarcou para o Maranhão.¹⁰

David Fáy aportou em São Luís em meados de julho de 1753 e, uma semana mais tarde, já se encontrava ocupado com os trabalhos de evangelização indígena realizados pela Ordem na região. Promovido em 1755 à profissão do quarto voto, o qual, vale lembrar, é pronunciado apenas por uma pequena elite dos membros do Instituto, David Fáy, desde a sua chegada ao

Maranhão até 1757, dedicou-se basicamente ao exercício de atividades missionárias. Assim, andou por diversas aldeias daquelas partes da Colônia aproximadamente durante o mesmo período em que João Daniel também o fazia, mas pelas bandas do Grão-Pará. No início daquele ano, em razão da crise aberta entre a Coroa e a Companhia de Jesus, David Fáy foi recolhido por ordem do vice-provincial ao Colégio de São Luís, onde ensinou teologia por alguns meses, ocasião em que recebeu a notícia de sua imediata expulsão para o Reino. Exilado em Portugal, o padre húngaro foi logo confinado na Residência de Roriz do Minho, passando em 1759 para os cárceres do Colégio do Porto. Transferido no mesmo ano para o Forte de Almeida, em 1762 acabou conduzido à Torre de São Julião da Barra, onde faleceu em 12 de janeiro de 1767.¹¹

Tendo em vista o que foi exposto acima, vem a propósito chamar a atenção para uma série intrigante de conexões naturais entre as trajetórias de vida dos padres João Daniel e David Fáy. Nascidos no mesmo ano, ingressaram na Companhia de Jesus por volta da mesma época e seguiram todas as etapas da formação jesuítica, chegando, inclusive, à restrita profissão do quarto voto; engajaram-se praticamente ao mesmo tempo no apostolado entre os nativos da Amazônia portuguesa, cujas missões foram forçados a abandonar em 1757; condenados ao desterro, passaram o resto de seus dias encarcerados nas mesmas masmorras portuguesas. Todavia, para fins deste artigo, há que se ressaltar também as singularidades de cada jesuíta aqui em questão. A primeira, obviamente, refere-se a suas diferentes nacionalidades. Adiantando um pouco do que deve ficar mais claro depois, apesar do reconhecido caráter internacional e globalizado da Ordem, o fato de David Fáy ser considerado um “estrangeiro” sob a ótica lusitana é significativo para se compreender os porquês de seu olhar por vezes distinto do de João Daniel sobre a natureza e os habitantes do Estado do Grão-Pará e Maranhão. Nesse sentido, concorre para tanto outro fator importante, qual seja, a grande diferença entre os ambientes onde tais religiosos se formaram. Ao passo em que João Daniel realizou o ciclo completo de estudos do Instituto nos confins da América portuguesa, David Fáy o fez percorrendo vários colégios jesuíticos da Europa, o que certamente contribuiu para que ele

manifestasse suas impressões sobre a região sob uma perspectiva mais eurocêntrica do que a revelada por seu irmão de hábito português.

Mas as convergências e divergências que cercam as vidas de João Daniel e David Fáy não param por aí. Na qualidade de membros de uma Ordem religiosa que, a começar pelo seu fundador, assumiu a escrita como meio privilegiado de comunicação, ação e registro,¹² tanto um quanto outro conceberam preciosos escritos, os quais, embora figurem gêneros textuais distintos e apresentem motivações, propósitos e nuances bem diferenciados entre si, compartilham sintomaticamente, entre outros aspectos, uma atitude em comum: ambos tratam sobremaneira do clima, da flora, da fauna, dos indígenas e, claro, do empreendimento missionário dos jesuítas na Amazônia portuguesa, no contexto em que a filosofia da Ilustração invertia a visão paradisíaca da América, quando antigas e novas teses depreciativas do Novo Mundo assumiam feições específicas ao serem envolvidas por uma aura de ciência e de pensamento racional, com proporções até então desconhecidas.¹³

Como não poderia deixar de ser, o escrito do padre João Daniel ao qual nos referimos é o seu famoso e monumental *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*, códice composto por 776 páginas redigido durante os dezoito anos em que ele permaneceu encerrado nos cárceres portugueses (1758-1776). De acordo com a apreciação de Vicente Salles, autor do prefácio da mais recente edição, tal obra é “certamente uma das mais importantes para o conhecimento da vida amazônica nos séculos XVII e XVIII, dando minuciosas informações sobre sua geografia e seus rios, sua história, população, flora, fauna, fazeres e saberes, especialmente usos e costumes”¹⁴. Dividida em seis partes, com subdivisões internas, os originais das cinco primeiras foram trazidos do Reino para o Brasil em meio aos papéis da biblioteca real, na ocasião da fuga de D. João VI e sua corte provocada pelo avanço dos exércitos de Napoleão Bonaparte, e, desde 1810, encontram-se depositados nos acervos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Já os da sexta parte, então perdidos, acabaram posteriormente descobertos na Biblioteca de Évora, Portugal. Objeto de sucessivas publicações parciais ao longo dos séculos XIX e XX, o texto integral do manuscrito só veio à luz em 1976 pela Biblioteca Nacional, tendo sido

reeditado em 2004 pela Editora Contraponto.

Infelizmente o volumoso tratado enciclopédico escrito por João Daniel, no melhor estilo do “Século das Luzes”, não tem dedicatória ou introdução, ou seja, não oferece, a princípio e expressamente, uma declaração das intenções do autor. Mas da leitura do texto algumas saltam aos olhos. A mais evidente é o desejo de dar conta a uma audiência europeia das riquezas e tesouros da Amazônia, baseado em sua experiência *in loco*. Ao mesmo tempo, como um bom jesuíta treinado desde cedo na arte da retórica, João Daniel parece constantemente preocupado em chamar a atenção das autoridades portuguesas sobre a necessidade da presença de membros da Companhia de Jesus para a conservação e o desenvolvimento de tais domínios. Enfim, e este é o aspecto que aqui nos interessa ressaltar, o inaciano também se revela profundamente empenhado em enaltecer/defender a natureza, os nativos e as potencialidades de progresso da região amazônica, apresentando uma estreita interação com o que então se discutia na denominada “Disputa ou Polêmica do Novo Mundo”.¹⁵ Ora implícita, ora explicitamente, João Daniel manifesta conhecer as teses denegridoras do continente americano formuladas em meados do Setecentos por célebres representantes da Ilustração europeia – Montesquieu, Buffon, De Pauw, entre outros – e, em vários momentos, como muitos de seus irmãos de hábito hispano-americanos exilados nos Estados Pontifícios a partir de 1767, se dispõe a refutá-las. Nesse caso, conforme pretendemos especificar mais adiante, é possível diagnosticar em sua obra uma assimilação – seletiva e católica – do amplo repertório de ideias e valores caros à República das Letras da Europa Ilustrada, o que representa, ao contrário do que afirmavam seus adversários mais obstinados, que os jesuítas do tempo de *l'Encyclopédie* eram portadores de uma mensagem próxima da dos *philosophes* e do mundo erudito do período.

Como se não bastassem todas aquelas coincidentes ligações históricas entre João Daniel e David Fáy, o padre húngaro constitui outro exemplo de inaciano pertencente às missões jesuítas na Amazônia portuguesa que, à sua maneira, também se mostra particularmente influenciado pelas tendências europeias do “Século das Luzes”. Isso pode ser constatado da aná-

lise de três cartas de sua autoria, localizadas graças aos esforços do célebre intelectual Paulo Rónai, seu compatriota. Cabe registrar que, motivado a identificar a participação de missionários jesuítas húngaros no Brasil, Rónai encontrou nos arquivos arquiépiscopais das cidades de Kalocsa e de Eger, respectivamente, uma biografia manuscrita de David Fáy – escrita em latim por dois de seus companheiros de missão, os padres José Kayling e Anselmo Eckart – e um folheto igualmente raro, impresso em Budapeste em 1890, no qual estão reproduzidas três missivas redigidas pelo próprio missionário em sua língua vernácula. O resultado das pesquisas de Paulo Rónai foi a publicação em português de tal *corpus* documental, acompanhado de uma elucidativa introdução realizada pelo tradutor, nos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* (1944), sob o título de “As cartas do P. David Fáy e a sua Biografia: contribuição para a História das Missões Jesuítas no Brasil no século XVIII”.

Claro que, *a priori*, se comparadas ao copioso *Tesouro* de João Daniel, as três correspondências escritas por David Fáy em 1753, uma de Lisboa e duas do Maranhão, todas endereçadas a membros de sua família na Hungria, podem parecer insignificantes ou despidas de relevância. Todavia, para a temática que ora nos ocupa, trata-se de fontes valiosas, pois desvelam como mais um inaciano vinculado ao apostolado da Companhia de Jesus no Norte da América portuguesa estava a par das novidades científicas e filosóficas em voga na Europa Ilustrada. Assim como João Daniel, na altura em que a história natural assumia um dos lugares de destaque dentro dos ramos do conhecimento da época,¹⁶ quando o amplo repertório de informações disponibilizado pelos estudos naturalísticos sobre o Novo Mundo e outras “terras exóticas” revelava-se um elemento privilegiado de reflexão para os intelectuais do período, David Fáy procurou transmitir a uma audiência europeia informes exatos e descrições meticolosas a respeito da geografia, do clima, das plantas, dos animais e dos nativos da região amazônica. E ao fazê-lo, o que novamente vem à tona é um diálogo, ainda que silencioso, com muito do que então se discutia sobre o continente americano nos salões e academias em toda a Europa.

Ora, partindo do pressuposto de que a Companhia de Jesus constituía uma Ordem que tentou manter-se

atualizada às novas ideias do século XVIII, conciliando-as com premissas tradicionais, um aspecto que, aliás, já vinha caracterizando suas formulações desde a segunda metade do século XVI,¹⁷ consideramos possível demonstrar a inserção do *Tesouro* de João Daniel e das cartas de David Fáy no clima de opinião da Ilustração em geral, e da “Ilustração Católica” em particular,¹⁸ lançando luzes sobre a maneira como ambos os padres, em seus respectivos textos, abordam temáticas semelhantes e se posicionam sobre o que estava sendo escrito e debatido por cientistas e filósofos ilustrados europeus em meados do Setecentos. Nesse sentido, da perspectiva das *connected histories*, tal como proposto por Serge Gruzinski,¹⁹ o estudo desses inicianos e de seus escritos possibilita-nos ainda desvelar como o local e o global são constantemente rearticulados e, por extensão, que imagem da Amazônia portuguesa daí emerge em um contexto no qual a filosofia das Luzes forjava um novo discurso sobre o homem e a natureza americana, marcado pela negatividade. Em última análise, esperamos assim questionar a postura defendida por uma tradicional abordagem que atribui à Companhia de Jesus uma visão retrógrada e resistente a mudanças, associada pelos seus inimigos da época – em particular, os reformadores ilustrados ligados ao Despotismo Esclarecido Ibérico – à tradição medieval católica.

JOÃO DANIEL CONECTANDO AMAZÔNIA E EUROPA

O *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*, de João Daniel, compartilha com a ilustração europeia o espírito enciclopédico, a valorização da razão, do ideal de progresso e a dicotomia civilização/barbárie. João Daniel mescla essas ideias com argumentos e pressupostos escolásticos e com a defesa da tradição católica. Sua condição de português – mais especificamente de um português que viveu praticamente toda sua vida na Amazônia – concorre para que coexistam, em sua visão de mundo, elementos aparentemente excludentes: filosofia natural e teologia, tradição escolástica e elogio do progresso, culto à razão e crítica ao racionalismo de alguns de seus coevos. Sua condição de jesuíta, por outro lado, o leva a apostar na possibilidade de uma

civilização nos trópicos, graças à atuação da Companhia de Jesus no Novo Mundo.²⁰

Ainda que sejam recorrentes as comparações com a Europa – um recurso por sinal caro ao pensamento ilustrado, leigo ou religioso (católico) – o tratado de João Daniel tem seus particularismos e singularidades. O caráter eclético e enciclopédico, típico do seu tempo, assume aqui uma forma “crioula”, ou “mestiça”, no sentido atribuído ao termo por Gruzinski: de mistura sempre fluida entre diferentes tradições, em que **não é possível proceder a uma desconstrução analítica dos elementos constituintes do discurso ou texto**²¹. Lado a lado a observações precisas e detalhistas sobre a natureza, a flora, a fauna, os homens e os empreendimentos na Amazônia, o autor extrai máximas de comportamento, inspiradas no cristianismo, aplicáveis não só aos índios, mas também aos europeus. As longas e detalhadas descrições do clima, fauna e flora são com frequência, embora nem sempre, utilizadas para demonstrar que os trópicos, longe de reforçar o julgamento negativo de europeus que nunca pisaram neles, surpreendem pela suavidade e harmonia.

Começamos pelo clima, ou dos “saudáveis ares do Amazonas”. No que concerne às objeções que os filósofos ilustrados europeus tinham ao clima da Amazônia, João Daniel critica-os por não conhecerem os lugares que comparam com a Europa de forma etnocêntrica: falta-lhes a experiência, uma vez “que nem todos os discursos são evidências na praxe, e que nem toda a especulação é infalível nos experimentos”.

Vê-se claramente esta verdade no Amazonas; porque estando debaixo perpendicularmente da zona tórrida, que os discursos, e especulação provam inabitável, mostra a experiência, e praxe, que não só é habitável, mas muito sadia. As zonas em que se divide todo o mundo são cinco. As duas últimas, dizem os filósofos serem muito frígidas, e desabridas, pela distância do sol, e seus calores. As médias são temperadas, por não terem excessivos calores, nem frios insuportáveis. A central, cortada pelo meio pela equinocial, diziam os antigos que era totalmente deserta, e inabitada pelos ardores do sol – *Quae prima*

est, nan est habitabilis ostu. Por estas contas, e discursos todo o grande distrito do Amazonas seria insuportável, por muito queimado, ou ao menos tisonado do sol; porque não só está debaixo da zona tórrida, mas perpendicular ao sol, como dissemos, mas a verdade é que nela habitam os seus naturais muito contentes, e não desgostam dela, nem a rejeitam os europeus. De sorte que mais quentes são os calores da Índia, como afirmam os que já experimentaram uns, e outros, do que são os da zona tórrida do Amazonas [...]. É pois o Amazonas muito temperado nos seus climas por quase todo seu distrito; e muito mais temperado, e saudável, que a mesma Europa; porque lhe temperou Deus os seus calores com uma tão benigna atmosfera, como a das mais temperadas regiões [...].²²

O trecho deixa claro o conhecimento de João Daniel sobre a geografia climática mundial e sobre o papel ocupado nela pela zona tropical. Porém, sua experiência *in loco* lhe autoriza fazer correções no que se refere à variedade de temperaturas dos trópicos, que atestariam diversos níveis de habitabilidade. E ele o faz comparando a região amazônica, que conhece bem, com outras tropicais (Índia) e temperadas (Europa).

O mesmo conhecimento sobre as particularidades do Amazonas que são desconsideradas ou ignoradas por abordagens que consideram o continente americano homogêneo transparece nas ponderações de João Daniel sobre a fauna da região. No que se refere ao tamanho de animais: “É verdade que não tem os elefantes, e abadas da África, os leões, e ursos da Ásia, nem os búfalos, camelos, e dromedários que criam várias regiões do mundo; mas produz, e tem abundância de muitas outras [feras], em que se não excede, também não cede às ditas regiões o Amazonas, como escrevem já os seus historiadores [...]”.²³

Outro bom exemplo neste tópico é a famosa tese buffoniana que afirma que os pássaros da América são menores que os europeus e não cantam. João Daniel não somente rebate tal generalização como atesta serem os pássaros da Amazônia muito mais afinados que os europeus:

É o pássaro a que os naturais chama[m] em a maior volátil que cria nas suas campinas o Amazonas; e talvez que também seja o mais gigante do mundo. É do tamanho de uma vitela, assim na grandeza, digo, altura, como na grossura, e comprimento [...].²⁴

Quero já acabar com a descrição das aves do Amazonas, e para a coroar descrevo por último o pássaro tem-tem, que é um enlevo dos sentidos, e um dos mais dignos daquele rio; e se pode aclamar por mestre da solfa em toda esta república. [...] Esta pequenina ave toda é voz, porque em matéria de canto, não há pássaro que o exceda, na solfa, nem o iguale nos seus falsetes, requebros, e sustentidos. Parece viver de cantar [...].

A terceira espécie [de tem-tem] é como e em tudo semelhante aos da Europa, menos nos assobios, e canto, em que são mais excelentes [...].²⁵

Até mesmo as ditas pragas do Amazonas teriam seus méritos quando comparadas com outras regiões aprazíveis, como o paraíso terrestre, ou férteis, como o Egito. Se ambos possuíam pragas, por que não a Amazônia?

Se no Paraíso Terreal, com ser um jardim de deleites, criado, e formado para regalo dos homens, houve uma venenosa serpente, que com o seu mais que pestífero veneno infeccionou a todo o gênero humano, não é muito que também o paraíso do Amazonas sendo um tesouro de riquezas seja infeccionado de serpentes, e outras pragas em tanto maior cópia, quanto é mais copiosa que o mais mundo a sua fertilidade; que não estão isento[s] os jardins de serem habitados de dragões, nem as mesmas folhas livres de serem abocanhadas por sevandijas! São estas a maior praga do Amazonas, para que também nos insetos se mostre a grande fertilidade do terreno; à maneira do Egito, que, sendo uma das mais férteis regiões, é a mais abundante de veneno: muita venena in Egipto. [...]

Sendo porém o Amazonas sujeito a esta [*i.e.*, bicheiras], e outras muitas pragas, pela sua grande umidade, e calores, causará admiração aos leitores o saber que não consente o seu clima as pragas mais usuais, e comuns na Europa, como são pulgas, e percevejos.²⁶

Daniel mantém o critério comparativo com outras partes do mundo consideradas civilizadas ao descrever a caça na Amazônia não como apenas uma necessidade de sobrevivência, mas também como fonte de prazer, de divertimento.

Depois de descrevermos a caça altilia do Amazonas segue-se o divertirmo-nos também um pouco na sua caça terrestre, porque não só é rico no seu pescado, delicioso nas suas penates; mas farto, e divertido na sua montaria, não só pela multidão, mas também pela variedade de feras que cria nos seus matos. E assim, ou seja pelo rio pescando, ou pelos areais passarinhando, ou pelos bosques caçando, em tudo pretende o grande Amazonas ostentar-se o mais rico, e famoso dos rios.²⁷

Os habitantes da região são frequentemente descritos como gente bem disposta e proporcionada, só se diferenciando dos europeus pela cor da pele mais escura, devido à exposição ao sol – “porque não obstante ser o sol planeta tão claro, os faz escuros”²⁸ –, no que contradiz a tese de alguns europeus que chegaram a duvidar da humanidade dos índios.

Nem pareça supérflua esta advertência, de que são gente, porque não obstante a sua boa disposição, e fisionomia, houve europeus que chegaram a proferir que os índios não eram verdadeiros homens, mas só um arremedo de gente, e uma semelhança de racionais; ou uma espécie de monstros, e na realidade geração de macacos com visos de natureza humana. [...] São os índios de estatura ordinária, bem como os europeus, menos algumas nações, que por mais altos parece têm seu parentesco

com os gigantes; e outras que por curtas fazem lembrar os pigmeus. A disposição e membratura é muito proporcionada, as feições bastantemente finas e pálidas. [...]

Isto é no comum e mais ordinário dos índios vermelhos, e baços, que em algumas nações é a gente totalmente branca, e todos também parecidos, como os mais brancos ingleses e mais bem talhados europeus: e em tudo tão bem proporcionados como os mais homens, exceto nas cores, e ainda estas passariam por brancas, se o traje e libré dos brancos os cobrisse [...].²⁹

Essa beleza e fineza de traços é especialmente visível nas índias:

[...] algumas fêmeas há que, além de suas feições finíssimas, têm os olhos verdes, e outras azuis, com uma esperteza e viveza tão engraçada, que pode ombrear com as mais escolhidas brancas. Do que bem se infere que não é infalível ser quanto mais branco, mais lindo, e que a formosura não consiste nas cores, mas na miudeza e fino das feições, e boa e bem regulada proporção dos membros.³⁰

Porém, muitas vezes a comparação com os europeus é desfavorável aos índios. Por exemplo, quando ressalta a ausência de pelos nos corpos e a fraqueza das barbas dos nativos. Embora elogie a beleza das crianças, lamenta a deterioração dos adultos.

As feições e o delineamento do rosto são bastantemente miúdos, especialmente enquanto meninos são lindos, e só na maioridade algum tanto degeneram os homens. E têm observado alguns curiosos que quanto mais lindos são em pequenos, tanto mais feios se fazem em grandes, ou seja pelos trabalhos, ou pelos ardores do sol, ou por tudo junto; e pelo contrário, os que em pequenos parecem mais feios, em adultos são os mais bem parecidos.³¹

Ainda assim, João Daniel faz um verdadeiro arrazoado, com diferentes hipóteses, sobre o que levaria os ameríndios a serem vermelhos, e os cafres da África serem mais pretos. Seria por distarem mais da linha equinocial? Pergunta-se ele. Sua suposição geral é semelhante àquela em voga na Europa: quanto mais próximas dos polos, mais brancas e claras são as pessoas. Porém, acrescenta a informação de que “no mesmo rio Amazonas há nações que por viverem ordinariamente em matos, e à sombra das árvores, são tão brancas, como os mais brancos europeus”³². Ou seja, mais do que a latitude, a exposição ao sol explicar as tonalidades de pele.

Esses trechos, selecionados por nós dentre muitos outros, embasam a rejeição de João Daniel da teoria climática de Montesquieu, que considerava os trópicos inconciliáveis com os ideias de civilização. Além de mostrar conhecimento do que produzia na Europa, o autor vale-se de sua experiência na Amazônia, sob a forma de hipóteses, para contradizer, ou ao menos minimizar o pretenso universalismo dela.

Muitas são as indústrias com que os missionários, assim portugueses como espanhóis, se têm empenhado em tirar os índios dos matos, onde vivem como feras, para os civilizarem em povoações, onde com incansável zelo, e contínuo trabalho, os vão pouco a pouco doutrinando, assim nas leis evangélicas, como nas regras da polícia [...].³³

Tal constatação não é, certamente, exclusiva de João Daniel e/ou de outros jesuítas. **Raynal e Voltaire – só para citar alguns reconhecidos** representantes da ilustração europeia que não eram exatamente entusiasmadas das regiões tropicais americanas – consideravam as missões jesuíticas na América do Sul “ilhas de civilização em meio à barbárie”. Ou seja, eram visões que se conectavam, que dialogavam entre si.

AS CARTAS DE DAVID FÁY: A AMAZÔNIA PORTUGUESA SOB UMA PERSPECTIVA ILUSTRADA

Conforme assinalado anteriormente, João Daniel não é o único membro da Companhia de Jesus ligado às missões da Ordem na Amazônia portuguesa a manifestar uma modalidade de assimilação de aspectos do pensamento ilustrado. À sua maneira, por meio de três correspondências datadas de 1753, todas destinadas a familiares na Hungria, David Fáy também dá mostras de que estava intimamente inserido no clima de opinião do “Século das Luzes”, ao conectar suas observações gerais sobre a região com várias das questões debatidas pelos círculos intelectuais da Europa setecentista. A julgar, então, por essas considerações, acompanhe-se o que diz o jesuíta na primeira de suas missivas redigida ainda de Lisboa, em abril daquele ano, quando aguardava a oportunidade de embarcar para o Estado do Grão-Pará e Maranhão:

A província aonde nós vamos é ainda distante quase setecentas léguas; em cinquenta dias, se tivermos vento bom, provavelmente a alcançaremos; [...]

Mede a província quinhentas léguas de comprimento e setenta de largura; a maior parte é todavia paganismo e selvajaria; o povo que a habita é forte e grande, não de todo prêto, antes vermelho.

Últimamente uma tribu tornou-se cristã; chama-se Gamelas; os homens dessa tribu também não são pretos, e são, até, quase tão bonitos quanto os europeus. A província é muito boa, abunda em tudo, exceto em pão; mas em vez de trigo há uma espécie de raiz, chamada Mandioca [...] dizem os que a experimentaram que é boa e que, uma vez acostumada a ela, a gente dificilmente se acostuma depois ao pão. Nasce alí tôda sorte

de frutas, principalmente o *Ananás*, perto do grande rio chamado *Fluvius Amazonum* ou, na sua língua, *Pará*, isto é, mar, por causa do tamanho. A laranja é tão gostosa, que, embora das laranjas européias sejam as daqui as melhores, são muito estimadas as laranjas de lá, e desejadas, porque são maiores e mais doces que as portuguesas. [...]

Relataria mais amplamente à senhora minha doce mãe o que ouvi contar sôbre a nossa província de além-mar, mas na verdade tenho pouca vontade de escrever coisas que não [v]i, pois já fui várias vêzes desiludido; [...].³⁴

Da leitura desse fragmento é possível diagnosticar a ocorrência de diversos lugares-comuns caros aos cientistas e filósofos ilustrados europeus, o que já aponta o quanto David Fáy estava sintonizado com as novas formas de conceber e validar o conhecimento a respeito do continente americano vigentes no Velho Mundo durante o século XVIII. Nessa perspectiva, em termos gerais, há que se destacar inicialmente o caráter enciclopédico do excerto, uma vez que nele David Fáy procura disponibilizar uma série de informações precisas e detalhistas sobre uma gama ampla de objetos, na qual a história natural ocupa lugar proeminente. Ao mesmo tempo, salta aos olhos que sua descrição de aspectos da natureza e dos habitantes da Amazônia portuguesa é pautada por frequentes comparações valorativas com a Europa, outro traço marcante dos escritos da ilustração europeia. Nesse ponto, interessa notar particularmente sua caracterização dos indígenas da região, que evoca a visão hierárquica e eurocêntrica do homem concebida por Buffon em sua *Histoire naturelle de l'homme* (1749): aqui, apesar de se aproximar da tese do naturalista francês de que o nativo americano era menos belo que o europeu e “antes vermelho do que preto” – em função da suposta formação recente do continente americano e da conseqüente migração tardia dos povos da Ásia, razão pela qual se acreditava que, ao contrário do ocorrido em outras zonas de clima tórrido, como a África, os indígenas ainda não teriam tido tempo “suficiente” para se tornar mais escuros pela exposição ao sol dos trópicos –, David Fáy relativizava a imagem negativa do “selvagem” americano ao retratá-lo, diferentemente

do próprio Buffon, como alto e robusto³⁵. Ainda no interior desse quadro, já se pode entrever que, como a maioria dos *philosophes* e outros autores jesuítas, David Fáy também compartilhava mais uma premissa do pensamento ilustrado europeu, qual seja, o dualismo entre civilização e barbárie. Por fim, resta observar que, numa época em que os relatos do Novo Mundo feitos nos séculos XVI e XVII começaram a perder credibilidade, sendo tomados cada vez mais como fontes não confiáveis, David Fáy mostrava-se condizente com a nova atitude cética europeia, ao revelar-se cauteloso quanto a escrever sobre coisas que não havia testemunhado ou experimentado.³⁶

Dando continuidade, na condição de recém-chegado à Amazônia portuguesa, o padre húngaro cuidou de redigir outra correspondência novamente endereçada à sua mãe, datada de 12 de setembro de 1753. Nela, reza o próprio autor: “descrevo o que vi em dois meses; poderia escrever mais, se tivesse penetrado mais dentro do país, mas até aqui minha morada foi perto do mar”³⁷. Com a autoridade, pois, de quem conhecia a região *in loco* – aliás, a ênfase dada ao seu testemunho ocular é um aspecto bem marcado e recorrente em suas missivas do Maranhão, de modo a conferir-lhes legitimidade –, David Fáy, à maneira de um “viajante filósofo” típico do século XVIII, tratou de retratar pormenorizadamente suas primeiras impressões a respeito de tudo o que rodeava na sua nova “pátria”, sobremaneira acerca de suas plantas, animais, alimentação e costumes.

Ora, diante do exposto, já cabe reconhecer novamente, em termos de atitude intelectual, a influência do clima de opinião do “Século das Luzes” nos escritos de David Fáy. Mas para não permanecermos na afirmação intuitiva, eis um fragmento de sua referida correspondência, entre outros possíveis, bastante significativo para os fins que nos ocupam:

A carne é de vaca, carneiro, veado e javali. A forma dêste último é como em nosso país, porém é menor, tem o umbigo nas costas, e uma carne bem branca, diferente, mas mui saborosa. Bem diverso animal é o de nome *Paca*; eu ainda não a vi, mas dizem-na coisa principal. Há também outros animais, como p.

ex. a Anta, semelhante ao cavalo, com a cabeça muito parecida à dêste; tem crina, mas muito pequena, como se fôsse cortada artificialmente, unha bifurcada, pêlo castanho; vi uma delas, não viva [...].

Onças há tantas que nem a metade seria precisa, e por isso é medonho passear pela floresta [...]. Há outros animais belos, porém menores, mui semelhantes à onça, mas não fazem mal nenhum e fogem da gente.

Pássaros, encontram-se de todas as espécies, não cantadores, mas de aspecto tão belo que é prazer vê-los; [papa]gaios de tôdas as côres, que repetem tudo o que ouvem; o que há de estranho é que nem lhes talham a língua: é como madeira, e no entanto aprendem tudo.³⁸

Ao tratar da fauna amazônica, resulta nítido que David Fáy, uma vez mais, fazia eco às famosas teses buffonianas acerca da “debilidade” ou “imaturidade” do Novo Mundo. Desse modo, o primeiro dado a reconhecer é que, muito provavelmente na senda das reflexões do famoso naturalista francês, o missionário descrevia as espécies nativas de quadrúpedes da região, quase sempre enfatizando suas diferenças e o seu porte em geral mais mirrado, se cotejadas com as da Europa. Nesse sentido, para o caso específico do maior mamífero da América do Sul, a anta, o fato de David Faý tê-la retratado como semelhante ao cavalo, mas com a crina muito menor, pode ser tomado aqui como sinal de certa deficiência, já que, segundo as concepções de Buffon, toda a natureza americana era hostil ao desenvolvimento dos animais. Outro ponto que não parece ser mera coincidência entre os dois autores consiste na inusitada caracterização dos javalis do Maranhão como tendo o umbigo nas costas, aspecto monstruoso que, por influência da leitura dos primeiros volumes da *Histoire naturelle* (1749) de Buffon, Voltaire, em seu *Ensaio sobre os costumes* (1756), atribuiria aos porcos do México para inverter as qualidades morais e físicas das bestas do continente americano³⁹. Enfim, basta observar que, na altura em que era corrente na Europa a tese sobre os pássaros não cantadores da América, em grande parte devido novamente à difusão da obra de Buffon, David Fáy, embora louvasse a beleza das aves da

região e a particular capacidade de os papagaios repetirem tudo aquilo que ouviam, asseverava não haver nenhuma espécie canora em tais domínios.

Se, nesses termos, David Fáy releva-se bastante afinado com as novas teorias então em voga na Europa que presumiam a inferioridade do Novo Mundo, ao passar do reino animal para o vegetal, o inaciano assumia uma posição contrária, enaltecendo a fertilidade, a exuberância e a riqueza das terras amazônicas:

Frutas, há bastantes. A mim, sobretudo me agrada o *Ananás*, de que há grande quantidade. Já vi um dêles em Nagyszombat, mas nem de longe era como êstes, que atingem o tamanho de um melão médio. Fazem com êle um licor que é bebida principesca. [...] saboreio todos os dias a fruta chamada *Pacova*, porque dura o ano todo; a árvore é como o milho, porém maior, com fôlhas muito compridas e quase da largura de dois palmos; o sabugo é como um cacho, pende para todos os lados; tem a forma daqueles cornozinhos feitos pelos padeiros; pevide não tem; tirando-lhe a fôlha, a polpa é tenra, come-se tôda e tem gôsto de morango. Há muitas outras frutas, sobretudo laranjas, que superam até as de Portugal; [...] Algodão, cravo, café, mel de cana, cacau, baunilha, chocolate, pimenta e outras coisas assim, há bastante.⁴⁰

E, sob o mesmo ângulo, já na sua derradeira correspondência de 16 de setembro 1753 dirigida ao seu irmão e demais parentes, David Fáy diz o seguinte:

As florestas que eu vi são muito belas. São constituídas sobretudo de palmeiras, mas há também grande número de outras árvores. Geralmente as árvores aqui são magníficas, vermelhas, azues, amarelas, pretas. Um homem honesto me presenteou com uma vara de pau, de côr verdoenga: esfregada com pano, fica brilhante qual o vidro; para construção acham-se muitas madeiras, cada qual mais bela, tôdas de lavra difícil por causa da dureza; pela mesma razão, ardem

difícilmente, e não há perigo de que as casas de madeira se queimem com facilidade, a menos que se fizesse um grande fogo ao pé delas. A melhor madeira para o trabalho é o cedro, por ser duradouro e mole. Há uma árvore de nome *Kisi* (leia-se: *quixi*), cujo fruto é sabão. Há outra árvore bem grande que dá um fruto de que se fazem chécaras, copos, pratos e outros vasos da mesma espécie [...]. [...] Por enquanto, estou designado para ir à aldeia de *Maraen*, a que chamam aqui paraíso terrestre [...]. A dita aldeia chama-se paraíso terrestre porque, tendo um chão bom e fértil em tudo, possui campos e florestas excelentes.⁴¹

Por tudo o que se viu, resta apenas deixar claro um aspecto que, embora também esteja presente nas duas primeiras das três missivas aqui analisadas, fica particularmente evidente na última, posto que é nela que David Fáy toca mais no assunto dos índios e do empreendimento missionário da Companhia de Jesus na região: referimo-nos ao fato já assinalado de o padre húngaro partilhar com vários representantes da ilustração europeia a visão que encarava a ação dos jesuítas junto aos nativos como uma obra de caráter civilizador em meio à barbárie. Assim, eis um exemplo significativo de como ele coloca essa questão:

Eu fui mandado, por ter-me oferecido espontaneamente para isso, entre uma gente de nome *barbados*. Saíram eles da floresta há uns vinte anos, mas continuam terríveis, e não podem despir a selvajaria, principalmente as mulheres; estas, quando dão à luz, imediatamente examinam a sua prole e, achando-a feia, matam-na ato contínuo; por isso o missionário deve cuidar de estar presente, seja para evitar a morte dos recém-nascidos, seja para impedir que morram sem batismo. Os homens, como as mulheres, perfuram as orelhas, de modo que se pode olhar através delas, alargam o furo, e enfiam nêles grandes coroas de folha de palmeira, milho, ou de outra planta, ou ainda coroas de ervas para

servirem de brincos. Quando se lhes quer dar outros brincos, de prata por exemplo, não gostam, dizendo que tais brincos são bonitos e convêm aos lusitanos, mas não a eles. Acostumam-se dificilmente ao vestuário; os homens o toleram um pouco, as mulheres de nenhum modo; afinal, depois de muitas admoestações e muita persuasão, quando saem da choupana ou quando um missionário vai visitá-los, cobrem-se de algumas fôlhas e com isso o vestido de gala está pronto. [...]

A gente daqui, e os índios em geral, não conhecem presentes mais gratos do que os objetos de ferro, nomeadamente machados, facas e porretes. Os índios não são pretos, nem amarelos, mas variam entre o preto e o amarelo, e são bem feios. Da igreja ainda não gostam muito, e quando, num dia da semana, um deles vem assistir à missa ou a outro serviço divino, logo depois vai procurar o missionário, dizendo: – “Pai, paga-me por ter eu vindo à igreja.” Sem serem pagos, não dão sequer um passo; [...].⁴²

Por aí se vê que, sob a pena de David Fáy, os indígenas da Amazônia são reduzidos a povos atrasados, fisicamente inferiores e dotados de costumes abomináveis, se não bárbaros, como a nudez, as deformações corporais e o infanticídio. Nada incomum em se tratado do ponto de vista de um europeu recém-chegado aos confins da América portuguesa, manifesto em uma época na qual se afirmava, sobretudo por influência das obras de Montesquieu e de Buffon, a vertente dominante do pensamento antropológico da Ilustração, que considerava os selvagens americanos um tipo humano inferior, ainda bastante próximo a uma imagem negativa de um estado natural, devido a vícios de constituição e aos efeitos do clima. Todavia, sem negar aos ameríndios a possibilidade de superação desse estado de natureza, se houvesse quem os encaminhasse, David Fáy, evocando a ideia de “missão civilizatória” presente no discurso missionário desde os primeiros momentos da catequese jesuítica, atribuía aos padres da Companhia de Jesus na região o papel de facultar-lhes o aprimoramento civil dos costumes, antes mesmo de torná-los cristãos.

CONCLUSÃO

Pelo exposto, acreditamos ter demonstrado, por meio da análise comparativa entre os escritos dos jesuítas setecentistas João Daniel e David Fáy, o intenso contato entre eles e a Ilustração europeia. A partir de sua experiência em um mundo muito diferente daqueles dos quais provinham – a Amazônia portuguesa – o português e o húngaro não tinham como não recorrer a procedimentos comparativos, sempre a partir da Europa. Embora isso não fosse uma singularidade deles – pelo contrário, era uma marca do pensamento ilustrado do período –, neles procuramos assinalar os tópicos ou temas nos quais se aproximam mais ou menos das teses mais em voga na Europa da segunda metade do século XVIII. Essas comparações eram, como as ilustradas, sempre valorativas, ou seja, o diferente era por vezes superior, por vezes inferior ao padrão europeu. Mas não necessariamente coincidentes.

Os dois jesuítas deixaram a marca de seu pertencimento ao clima de opinião europeu de então em vários aspectos. Destacamos o caráter enciclopédico de seus escritos, a forte presença do dualismo civilização/barbárie e/ou suas reações, positivas ou negativas, às teses europeias sobre o Novo Mundo, amparadas na então recente disciplina história natural. Ao rebatê-las ou reforçá-las, em maior ou menor medida, enfatizavam a experiência *in loco* para questionar a validade de postulados produzidos pelos chamados por eles “filósofos de gabinete”, valendo-se de uma atitude epistemologicamente mais próxima da antropologia e historiografia contemporâneas do que a maioria de seus conterrâneos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Angel Rama, *A cidade letrada*, São Paulo, Brasiliense, 1982.
- Antonello Gerbi, *O Novo Mundo: História de uma polêmica (1750-1900)*, Companhia das Letras, São Paulo, 1996.
- _____, *La naturaleza de las Indias Nuevas: de Cristóbal Colón a Gonzalo Fernández de Oviedo*, México, D.F., Fondo de Cultura Económica, 1978.
- Beatriz Helena Domingues, “A disputa entre ‘cientistas jesuítas’ e cientistas iluministas no mundo Ibero-americano”, in *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, vol. 5, n.º 2, jul./dez. 2002, pp. 129-154.
- _____, *Tão Longe, tão perto: A Ibero-América e a Europa Ilustrada*, Rio de Janeiro, Museu da República, 2007.
- Dale Van Kley, *The Jansenists and the Expulsion of the Jesuits from France*, New Haven, Yale University Press, 1975.
- Fernando Torres-Londoño, “Escrevendo Cartas: Jesuítas, Escrita e Missão no século XVI”, in *Revista Brasileira de História*, vol. 22, n.º 43, 2002, pp. 11-32.
- Jack P. Greene, “Reformulando a identidade inglesa na América britânica colonial: adaptação cultural e experiência provincial na construção de identidades corporativas”, in *Almanack Brasileiro*, n.º 4, 2006, pp. 5-21.
- João Adolfo Hansen, “Ilustração católica, pastoral árcade & civilização”, in *Oficina do Inconfidência*, ano 4, vol. 3, 2005, pp. 13-47.
- João Daniel, *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*, Rio de Janeiro, Contraponto, 2004, 2 vols.
- John W. O’Malley, *Os Primeiros Jesuítas*, São Leopoldo, RS, Ed. UNISINOS; Bauru, SP, EDUSC, 2004.
- Jorge Cañizares-Esquerria, *Como escrever a História do Novo Mundo: Histórias, epistemologias e identidades no mundo Atlântico do século XVIII*, São Paulo, EDUSP, 2011.
- Luiz Fernando Medeiros Rodrigues, “As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão”, in *Cadernos IHU ideias*, ano 9, n.º 151, 2011, pp. 3-48.
- Maria Lígia Coelho Prado, “Repensando a História Comparada da América Latina”, in *Revista de História*, n.º 153, 2005, pp. 11-33.
- Mario Góngora, *Studies in the Colonial History of Spanish America*, Cambridge, Cambridge University Press, 1975.
- Paul P. Bernard, *Jesuits and Jacobins: Enlightenment and Enlightened Despotism in Austria*, Urbana, University of Illinois Press, 1971.
- Paulo Rónai (org.), “As cartas do P. David Fáy e a sua Biografia: contribuição para a História das Missões Jesuíticas no Brasil no século XVIII”, in *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. LXIV, 1944.
- Richard M. Morse, *O espelho de Próspero: cultura e idéias nas Américas*, São Paulo, Companhia das Letras, 1982.
- Robert Darnton, “Os filósofos podam a árvore do conhecimento: a estratégia epistemológica da *Encyclopédie*”, in _____, *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*, Rio de Janeiro, Graal, 1986, pp. 247-275.
- Roberto Ventura, *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- Roy Porter and Mikulás Teich, *The Enlightenment in National Context*, Cambridge, Cambridge University Press, 1981.

Sanjay Subrahmanyam, “Connected Histories: Notes Towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia”, in Victor Lieberman (Ed.), *Beyond Binary Histories: Re-imagining Eurasia to c. 1830*, Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1999, pp. 289-316.

Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa, Portugália; Rio de Janeiro, INL, 1943, t. IV.

_____, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa, Portugália; Rio de Janeiro, INL, 1949, t. VIII.

Serge Gruzinski, “Os mundos misturados da monarquia católica e outras *connected histories*”, in *Topoi*, mar. 2001, pp. 175-195.

_____, *Pensamento Mestiço*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, 6.^a ed., São Paulo, Brasiliense, 1996.

Vera Chacham, “O lugar da América na história: História natural, estado de natureza, objeto da cobiça dos homens”, in *Varia Historia*, n.º 30, jul. 2003, pp. 95-111.

NOTAS

- 1 Cf. Serge Gruzinski, “Os mundos misturados da monarquia católica e outras *connected histories*”, in *Topoi*, mar. 2001, pp. 175-195. Uma interessante avaliação sobre a compatibilidade entre a abordagem das “histórias conectadas” e a comparativa, criticada por Gruzinski, pode ser aferida em: Maria Lígia Coelho Prado, “Repensando a História Comparada da América Latina”, in *Revista de História*, n.º 153, 2005, pp. 11-33.
- 2 Cf. Sanjay Subrahmanyam, “Connected Histories: Notes Towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia”, in Victor Lieberman (Ed.), *Beyond Binary Histories: Re-imagining Eurasia to c. 1830*, Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1999, pp. 289-316.
- 3 Cf. Serge Gruzinski, *op. cit.*, p. 178.
- 4 Cf. Mario Góngora, *Studies in the Colonial History of Spanish America*, Cambridge, Cambridge University Press, 1975; Richard M. Morse, *O espelho de Próspero: cultura e idéias nas Américas*, São Paulo, Companhia das Letras, 1982; Angel Rama, *A cidade letrada*, São Paulo, Brasiliense, 1982; João Adolfo Hansen, “Ilustração católica, pastoral árcaica & civilização”, in *Oficina do Inconfidência*, ano 4, vol. 3, 2005, pp. 13-47.
- 5 Na França, os jansenistas desempenharam um importante papel na supressão dos jesuítas. Sobre o assunto, ver: Dale Van Kley, *The Jansenists and the Expulsion of the Jesuits from France*, New Haven, Yale University Press, 1975. Mas um número significativo de jesuítas retornou à Áustria de Roma como jansenistas; ver: Paul P. Bernard, *Jesuits and Jacobins: Enlightenment and Enlightened Despotism in Austria*, Urbana, University of Illinois Press, 1971. Na Bavária, uma Ordem radical e republicana – os Illuminati – foi fundada pelo jesuíta Adam Weishaupt, em 1770. Ver: Roy Porter and Mikuláš Teich, *The Enlightenment in National Context*, Cambridge, Cambridge University Press, 1981.
- 6 Trata-se de uma instância intermediária entre o generalato da Companhia de Jesus, em Roma, e as províncias e vice-províncias. A propósito, fundada oficialmente em 1639, mas cuja origem remonta ao ano de 1607, a Missão do Maranhão e Grão-Pará constituiu, até 1727, uma unidade administrativa da Companhia de Jesus na Amazônia portuguesa dependente da Província do Brasil durante praticamente todo esse período (de 1677 a 1683 ficou unida à Província de Portugal). Elevada naquele ano à categoria de Vice-Província, a Missão estava em vias de se tornar Província em 1759, data da expulsão dos jesuítas de Portugal e de seus domínios ultramarinos. Enfim, cumpre ressaltar que o termo Amazônia portuguesa designa aqui o território compreendido aproximadamente pelos atuais Estados do Ceará, Piauí, Maranhão, Pará e partes do Tocantins e do Amazonas e que, entre 1621 e 1772, constituiu o Estado do Maranhão e Grão-Pará (ou do Grão-Pará e Maranhão, após 1751).
- 7 A propósito desse tema, ver, por exemplo: Luiz Fernando Medeiros Rodrigues, “As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão”, in *Cadernos IHU ideias*, ano 9, n.º 151, 2011, pp. 3-48.
- 8 Para maiores detalhes acerca do quarto voto específico da Ordem dos Jesuítas, pelo qual os membros professos ficavam obrigados a ir a qualquer região do mundo aonde Sua Santidade quisesse enviá-los, ver, por exemplo: John W. O'Malley, *Os Primeiros Jesuítas*, São Leopoldo, RS, Ed. UNISINOS; Bauru, SP, EDUSC, 2004, pp. 460-464.
- 9 Cf. Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa, Portugália; Rio de Janeiro, INL, 1943, t. IV, pp. 325-329; *Id.*, *Ibid.*, 1949, t. VIII, pp. 190-192.
- 10 Cf. José Kayling e Anselmo Eckart, “Elogio póstumo do P. David Aluísio Fáy [...]”, in *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. LXIV, 1944, pp. 199-244; Serafim Leite, *op. cit.*, t. VIII, p. 219.
- 11 Cf. José Kayling e Anselmo Eckart, *op. cit.*, pp. 199-244; Serafim Leite, *op. cit.*, t. VIII, p. 219.
- 12 Sobre essa dimensão da Companhia de Jesus, ver, por exemplo: Fernando Torres-Londoño, “Escrevendo Cartas: Jesuítas, Escrita e Missão no século XVI”, in *Revista Brasileira de História*, vol. 22, n.º 43, 2002, pp. 11-32.
- 13 Sem dúvida, para o estudo do tema é indispensável a leitura do clássico: Antonello Gerbi, *O Novo Mundo: História de uma polêmica (1750-1900)*, Companhia das Letras, São Paulo, 1996. A propósito das visões sobre o homem e a natureza americana anteriores ao século XVIII, ver: Antonello Gerbi, *La naturaleza de las Indias Nuevas: de Cristóbal Colón a Gonzalo Fernández de Oviedo*, México, D.F., Fondo de Cultura Económica, 1978; Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, 6.^a ed., São Paulo, Brasiliense, 1996.
- 14 Vicente Salles, “Rapsódia Amazônica de João Daniel”, in João Daniel, *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*, Rio de Janeiro, Contraponto, 2004, vol. 1, p. 13.
- 15 Cf. Antonello Gerbi, *O Novo Mundo: História de uma polêmica (1750-1900)*, Companhia das Letras, São Paulo, 1996.
- 16 Cf. Robert Darnton, “Os filósofos podam a árvore do conhecimento: a estratégia epistemológica da *Encyclopédie*”, in _____, *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*, Rio de Janeiro, Graal, 1986, pp. 247-275.
- 17 A propósito disso, ver, por exemplo: Beatriz Helena Domingues, “A disputa entre ‘cientistas jesuítas’ e cientistas iluministas no mundo Ibero-americano”, in *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, vol. 5, n.º 2, jul./dez. 2002, pp. 129-154.
- 18 Cf. Richard M. Morse, *O espelho de Próspero: cultura e idéias nas Américas*, São Paulo, Companhia das Letras, 1982.
- 19 Cf. Serge Gruzinski, “Os mundos misturados da monarquia católica e

- outras *connected histories*”, in *Topoi*, mar. 2001, pp. 175-195.
- 20 Cf. Beatriz Helena Domingues, *Tão Longe, tão perto: A Ibero-América e a Europa Ilustrada*, Rio de Janeiro, Museu da República, 2007.
- 21 Cf. Serge Gruzinski, *Pensamento mestiço*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001. O adjetivo “crioulo” é aqui utilizado para referir-se, em geral, às adaptações dos modelos trazidos da Inglaterra, Espanha e Portugal, tal qual proposto por: Jack P. Greene, “Reformulando a identidade inglesa na América britânica colonial: adaptação cultural e experiência provincial na construção de identidades corporativas”, in *Almanack Braziliense*, n.º 4, 2006, pp. 5-21.
- 22 João Daniel, *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*, Rio de Janeiro, Contraponto, 2004, vol. 1, p. 77. Grifos nossos.
- 23 João Daniel, *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*, Rio de Janeiro, Contraponto, 2004, vol. 1, p. 183.
- 24 *Id., Ibid.*, p. 151.
- 25 *Id., Ibid.*, pp. 181-182.
- 26 *Id., Ibid.*, p. 212; 215. Grifos nossos.
- 27 João Daniel, *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*, Rio de Janeiro, Contraponto, 2004, vol. 1, p. 83.
- 28 *Id., Ibid.*, p. 264.
- 29 *Id., Ibid.*, pp. 263-265. Grifos nossos.
- 30 *Id., Ibid.*, p. 265.
- 31 João Daniel, *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*, Rio de Janeiro, Contraponto, 2004, vol. 1, p. 265.
- 32 *Id., Ibid.*, pp. 264-265.
- 33 *Id., Ibid.*, vol. 2, p. 57.
- 34 “Carta do P. David Fáy à sua mãe, de Lisboa, abril de 1753”, in *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. LXIV, 1944, p. 253. Grifos nossos.
- 35 Sobre a concepção do homem em Buffon, ver: Roberto Ventura. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991, pp. 21-26; Vera Chacham, “O lugar da América na história: História natural, estado de natureza, objeto da cobiça dos homens”, in *Varia História*, n.º 30, jul. 2003, pp. 95-111.
- 36 A respeito das novas técnicas para criar e validar o conhecimento sobre o continente americano amadurecidas na Europa ao longo do século XVIII, ver especialmente: Jorge Cañizares-Esquerria, *Como escrever a História do Novo Mundo: Histórias, epistemologias e identidades no mundo Atlântico do século XVIII*, São Paulo, EDUSP, 2011.
- 37 “Carta do P. David Fáy à sua mãe, de Tapuitapera, 12 de setembro de 1753”, in *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. LXIV, 1944, p. 262.
- 38 *Id., Ibid.*, pp. 263-264. Grifos nossos.
- 39 Cf. Antonello Gerbi, *O Novo Mundo: História de uma polêmica (1750-1900)*, Companhia das Letras, São Paulo, 1996, p. 51.
- 40 “Carta do P. David Fáy à sua mãe, de Tapuitapera, 12 de setembro de 1753”, in *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. LXIV, 1944, p. 265.
- 41 “Carta do P. David Fáy a seu irmão Ladislau e mais parentes, de Tapuitapera, 16 de setembro de 1753”, in *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. LXIV, 1944, pp. 269-270.
- 42 *Id., Ibid.*, pp. 267-268.

OS AUTORES

Beatriz Helena Domingues é professora titular da Universidade Federal de Juiz de Fora e faz pesquisas sobre a obra do brasilianista Richard Morse. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Intelectual da América e do Brasil. Entre suas publicações, destacam-se: *O código Morse: Ensaio sobre Richard Morse*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010, juntamente com Peter Blasenheim; e *Tão Longe, tão perto: a Ibero-América e a Europa Ilustrada*, Rio de Janeiro, Editora do Museu da República, 2007.

Breno Machado dos Santos possui graduação em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora/MG, mestrado e doutorado em Ciência da Religião, área de concentração em Ciências Sociais da Religião, pela mesma Instituição. Tem experiência na área de História das Américas, com ênfase em História da América portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: jesuítas, missões, retórica jesuítica, povos indígenas e sociedades coloniais, dinâmicas de contato intercultural. Entre suas recentes publicações, destaca-se: *Os jesuítas no Maranhão e Grão-Pará seiscentista: uma análise sobre os escritos dos protagonistas da Missão* (Paco Editorial, 2015).